



Antíteses

ISSN: 1984-3356

hramirez1967@yahoo.com

Universidade Estadual de Londrina  
Brasil

Locastre, Aline Vanessa  
As promessas da revista 'Em Guarda' para o Brasil no pós-guerra (1941 - 1945)  
Antíteses, vol. 8, núm. 15, enero-junio, 2015, pp. 488-519  
Universidade Estadual de Londrina  
Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193340842022>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# As promessas da revista ‘Em Guarda’ para o Brasil no pós-guerra (1941-1945)\*

*The promissess of ‘Em Guarda’ magazine for Brazil during the  
postwar period (1941 – 1945)*

**Aline Vanessa Locastre\*\***

## RESUMO



Quando nos confrontamos com a historiografia sobre a Política da Boa Vizinhança, que marcou as relações entre os Estados Unidos e o restante do continente americano durante a Segunda Guerra Mundial, geralmente nos deparamos com estudos que buscam compreender como este país adentrou as fronteiras culturais de tais nações a fim de estabelecer acordos políticos e econômicos. Neste artigo, buscaremos mostrar ao leitor, como um provável futuro brasileiro era apresentado pela imprensa estadunidense da época, tendo como principal fonte de análise a Revista ‘Em Guarda’ (publicação estadunidense veiculada nas Américas). Por meio dela podemos perceber algumas destas aspirações e projeções de Brasil, que parecia seguir um caminho ‘natural’ para o progresso econômico. Ao mesmo tempo em que se tentava estreitar os laços diplomáticos, não era possível omitir todo um histórico de preconceitos e minimização dos latino-americanos, garantindo ao Brasil, posição de inferioridade no discurso da referida publicação.

**Palavras chave:** História política. Segunda guerra mundial. Revista Em Guarda. Projeções. Política da boa vizinhança.

## ABSTRACT



When we face the historiography of the neighborhood policy, marked by the relationship between the United States and the rest of the Americas during the Second World War, usually we may be confronted with studies that seek to understand how this country stepped into cultural borders of these nations in order to establish political and economic agreements. In this article, we seek to show, how a probable future of Brazil was presented by the American press at that time, whose main source of analysis was ‘Em Guarda’ Magazine (American publishing distributed in the Americas). It is through this magazine that we realize some of these aspirations and projections of Brazil which seemed to follow a natural path to the

\* Parte adaptada da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Projeção do Brasil para o pós-guerra: A ‘Boa Vizinhança’ estadunidense no Brasil segundo a revista Em Guarda (1941-1945)”, defendida em 2012.

\*\*Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre, especialista em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e graduada pela mesma instituição.

economic progress. At the same time it was tried to strengthen diplomatic ties, it was not possible to omit all the historical record of prejudice and the minimization of Latin-Americans, ensuring Brazil an inferior position in the discourse of the mentioned magazine.

---

*Keywords: Political history. Second world war. Em Guarda magazine. Projections. Neighborhood policy.*

A Grande Depressão do sistema financeiro mundial em 1929, ocorrida inicialmente em *New York* e propagada velozmente para o mundo, expôs aos líderes das maiores potências capitalistas do planeta, as insuficiências da organização do vigente sistema econômico propaladas pela teoria da autonomia comercial em relação ao Estado. Para socorrer as inúmeras empresas arruinadas do dia para a noite e conter a fome de milhares de desempregados que o *Crash* fez surgir, iniciou-se uma década de notável proteção alfandegária como medida preventiva do mercado doméstico. Os países mais vulneráveis economicamente, que eram explorados por nações dominantes ou que ainda não tinham estrutura para suprirem-se em bens manufaturados, ficaram à mercê das nações mais poderosas (ALVES, 2002).

Assim como os Estados Unidos, a Europa Ocidental vivenciou uma debilidade econômica que afetou diretamente o Brasil, já que teve de reduzir a compra de determinados produtos, como o café, e impossibilitou a venda dos mais variados gêneros de produtos manufaturados, intensificando as crenças de que o desenvolvimento industrial do país americano não deveria tardar. Anos mais tarde, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, essas mesmas potências não comportavam, como antes, a produção requerida pela Guerra e pelos países que dependiam destes produtos. Ao mesmo tempo, os navios que exportavam tais artigos para levá-los aos seus clientes estrangeiros estavam sendo solicitados no transporte de armamentos e veículos bélicos, ou mesmo de suprimentos para tropas (MONIZ BANDEIRA, 2011).

Não podemos ignorar as pressões que alguns grupos mais abastados do Brasil exerceram sobre o governo brasileiro no que tange ao incentivo da instauração de um significativo setor industrial no país uma vez que, por conta da interrupção do fornecimento de certos produtos no mercado brasileiro, após a recolocação de navios para o teatro de operações muitos produtos básicos sumiram de nossas prateleiras, uma vez que eram trazidos do exterior<sup>1</sup>. Ao lado destes grupos, também se posicionaram membros das Forças Armadas que pretendiam possuir uma frota militar autossuficiente nos combustíveis com peças fabricadas no país. (MONIZ BANDEIRA, 2011, p. 62).

---

<sup>1</sup> Os produtos trazidos do exterior pelo Brasil eram inúmeros, agregando desde o papel para a impressão de jornais, petróleo, cimento, cabos para telégrafos, serviço de esgoto, carvão, entre outros. (McCANN, 1995, p. 297).

A Segunda Guerra Mundial e de certa maneira a crise de 1929, são assim, diretamente responsáveis pela busca árdua da industrialização do Brasil na década de 1940. A política nacionalista de Getúlio Vargas, que procurava uma autossuficiência na indústria de base para suprir, nos anos seguintes, as necessidades brasileiras, contou com o apoio de países como Alemanha e Estados Unidos. Com objetivos nítidos comerciais, tais países forneciam produtos acabados, armas ou mesmo financiamentos para futuras obras industriais e do solo brasileiro saíam material estratégico para a guerra na Europa.

As relações com a Alemanha haviam de intensificado a partir de 1933, com a entrada do partido nazista ao poder, onde, por meio de um intercâmbio que não requeria moedas fortes, o Brasil enviava matérias-primas enquanto recebia produtos acabados, entre os quais, armamentos. Esta troca de produtos foi chamada de ‘Comércio de Compensação’ e perdurou até o início da década de 1940, fomentando bastante preocupação no governo estadunidense que buscava consolidar sua hegemonia econômica na região latino-americana (MOURA, 1984, p. 14).

Os Estados Unidos, cientes destas crescentes e substanciais relações às quais Brasil e Alemanha experimentavam, resolveu adentrar de forma eficaz neste cenário, mas sem recorrer de forma nitidamente impositiva, agressiva militarmente, como ocorrera, no final do século XIX na região caribenha. O intuito era conquistar ‘corações e mentes’, utilizando-se de um *Soft Power*. Surgia então, a Política da Boa Vizinhança, assim chamada primeiramente pelo presidente *Herbert Hoover* e sedimentada por *Franklin Roosevelt*, que buscava impor seu poder na região e afastar o ‘perigo’ nazista por vias mais brandas, mas não menos impositivas (TOTA, 2000).

Com o apoio relevante da iniciativa privada (em especial de *Nelson Rockefeller*, herdeiro do ‘império’ petrolífero *Standard Oil*), foi criada uma agência interamericana para atuar em diversos setores, que abrangiam desde as relações comerciais, programas de saúde à distribuição de revistas, panfletos e filmes na região latino-americana. Este escritório, com sede em *Washington DC*, chamado de *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)*, iniciou um verdadeiro ‘bombardeio’ estadunidense no Brasil (e a outras nações do continente americano), a partir de seus programas que, muitas vezes, iam ao encontro dos anseios de crescimento econômico do governo Vargas (SADLIER, 2012).

A revista *Em Guarda*, que será analisada nas próximas páginas, foi a maior publicação do *Department of Press and Publications*, que era uma subdivisão do OCIAA. Veiculada em três línguas: francesa, espanhola e portuguesa entre os anos de 1941 a 1945 e distribuída gratuitamente nos comitês regionais (divisões regionais do OCIAA) bem como em associações comerciais, possuiu uma expressiva tiragem que variou de 80.000 no primeiro exemplar a 550.000 nas últimas publicações (SADLIER, 2012, p. 33). A partir da análise dos artigos que tinham por temática o Brasil, buscaremos apresentar como o OCIAA operou discursivamente neste cenário, que não somente buscava a imposição de sua cultura ou dos

valores dos Estados Unidos, mas buscava sublinhar as potencialidades do Brasil e de seu ‘provável’ futuro econômico sem precedentes como estratégias para reforçar a ideia de um destino comum de progresso entre essas nações e do peso que o auxílio estadunidense possuía na concretização deste sonho.

Relegando à Segunda Guerra Mundial o marco do alavancar industrial do Brasil, que seria “impulsionadora do grande objetivo dos brasileiros” (Em Guarda, Ano 1, n. 10, p.11), tais reportagens passaram a servir como veículos na disseminação do *American Way of Life*, ao mesmo tempo em que refletiam, mediante as expectativas que eram demasiadamente reforçadas em suas páginas, que o governo Vargas não era apenas um receptáculo a esta política e sim, utilizava-se dela para ‘barganhar’<sup>2</sup> e tirar das gavetas do executivo, projetos concretos para o desenvolvimento, principalmente industrial e seu país.

### ***Fórmula para o ‘progresso’: implantação de indústrias + crescimento do interior = melhoria dos padrões de vida dos brasileiros***

Uma pessoa parecia ser responsabilizada pelos novos tempos que surgiam: esse alguém era o líder do Estado Novo, Getúlio Dorneles Vargas. O que os editores da revista ‘Em Guarda’ mostravam era que o Brasil contava com um presidente de visão e que desejava transformar a economia brasileira de tipicamente agrária para uma potência industrial. Dessa forma, desde a adesão à causa bélica, até a construção de indústrias de motores, sericicultura, têxtil, concessão do aval para a instalação da base aérea estadunidense em Natal, Vargas era representado como um verdadeiro líder, empenhado na missão de retirar seu país do atraso ao qual se encontrava.

Em todas as notícias que enfocam o Brasil e que por consequência reportavam ao presidente brasileiro, foi veiculada uma imagem de homem sereno, cauteloso, habilidoso e acima de tudo, amante de sua terra. Ele posa para as fotografias sempre com a postura de um grande estadista, possuidor de um espírito empreendedor, com face austera. Porém, o sonho do governo de Vargas não seria viável sem o auxílio financeiro e olhar visionário dos líderes de *Washington*. Dessa forma, em todos os artigos que retratam as nascentes

---

<sup>2</sup> O governo brasileiro não foi simplesmente uma peça de manobra das grandes potências, mas sim uma figura que soube aproveitar das diferentes oportunidades que possuiu para conseguir viabilizar seus programas econômicos. Em uma verdadeira ‘Política de Barganhas’, Getúlio Vargas negociou o quanto pode para tentar manter sua posição ‘neutra’ no conflito, mas quando lhe foi exigido uma postura mais unilateral, ele buscou aqueles que lhe ofereceram mais vantagens ou mesmo foram mais impositivos, digase, os Estados Unidos da América (MOURA, 1991).

indústrias brasileiras, o desbravamento das partes interioranas, assim como as recentes tecnologias utilizadas pelas Forças Armadas, como aviões, navios ou mesmo armas, o apoio dos Estados Unidos é sempre revelado. Em vistas de exemplificação, podemos citar duas reportagens que deixam claro essa parceria, onde a vontade do governo brasileiro nada seria sem o auxílio técnico-econômico dos Estados Unidos.

A primeira é referente a Fábrica Nacional de Motores, que passou a ser um projeto possível de viabilidade graças à visita do ministro Salgado Filho aos Estados Unidos, onde, após verificar o sucesso da indústria aviadora estadunidense e estabelecer parcerias, pôde lançar as bases para implementar tais tecnologias em seu país. Com um acordo assinado por ele, a Fábrica Nacional de Motores do Brasil ficou autorizada a fabricar peças e ferramentas de crucial importância para a defesa de um Estado soberano e que ainda provinham somente do complexo industrial estadunidense.

Foi salientado no mensário que tal indústria iria impulsionar a economia e autonomia brasileira, ajudando-a não apenas no período bélico, mas também no seu desenvolvimento futuro. O progresso viabilizado ao país por meio da Fábrica Nacional de Motores havia proporcionado condições reais de civilidade aos habitantes da região circundante a ela. Onde antes existia uma região isolada, bucólica, com predomínio de ‘pântano e mosquitos’, com a instalação da Fábrica o lugar se tornava, a cada dia, um valoroso polo, com condições de abrigar, em curto espaço de tempo, cidades desenvolvidas e proporcionar condições de vida dignas aos seus habitantes (Em Guarda, Ano 4, n. 1, p. 32).

Outra matéria, desta vez dedicada ao sistema de radiotelegrafia, sublinha o proveito que o Brasil estaria retirando da sua relação amistosa e de companheirismo com a causa de guerra Aliada. Com o título de “Novas ligações Brasil – Estados Unidos”, a reportagem explora os benefícios que tal tecnologia traria para atualizar o governo sobre notícias do mundo em tempo real, implicitamente inserindo-o a uma relação mais íntima com os estados adversários ao Eixo.

“[...] de agora em diante, as fotografias recebidas através do rádio, nos Estados Unidos, procedentes das frentes de batalha, assim como de outras Nações Unidas, poderão ser retransmitidas imediatamente para o Brasil” (Em Guarda, Ano 3, n. 1. p. 26).

Como prova da eficácia de tal instrumento e da intimidade cada vez mais visível entre os líderes dos dois países, a fotografia abaixo, radiotelegrafada do Rio de Janeiro para Nova York, mostra Vargas e o embaixador estadunidense, *Jefferson Caffery*, em afetuoso aperto de mão, protagonistas das novas e proveitosas relações entre seus países.

**Figura 1** - Aperto de mão entre Getúlio Vargas e Jefferson Caffery (*Fotografia radiotelegrafada*)



Fonte: Em Guarda, Ano 3, n. 1. p. 27

Assim, a cada nova parceria, sonhos eram elevados a categorias mais próximas do real. Uma dessas aspirações dizia respeito ao desbravamento dos territórios inabitados (ou com baixa densidade demográfica) e possível desenvolvimento destes espaços, com vistas de melhoria nos padrões de vida de seu povo e contribuição para o crescimento do seu país. As expectativas referiam-se às regiões interioranas do Sul, Centro<sup>3</sup> e da região amazônica, no norte brasileiro, principalmente.

Um dos focos de progresso, capaz de enriquecer a região e elevar a economia brasileira, seria a extração da borracha na Amazônia. O Brasil se empregasse medidas eficazes para tirar proveito da Segunda Guerra Mundial, pois traria inúmeras possibilidades aos países que se dedicassem a tal extração, toda a parte norte do território seria beneficiada. A importância deste produto para a vitória Aliada era bastante destacada e em comparação a outros produtos primordiais, como o petróleo, a borracha parecia ser indispensável no contexto bélico:

Depois desta guerra, quando os historiadores se entregarem ao registro da parte que desempenharam na luta os vários beligerantes, é quasi

<sup>3</sup> Do início da década até meados dos anos 1940 as regiões brasileiras eram divididas segundo aspectos naturais Assim tínhamos as regiões Norte, Nordeste, Éste, Centro e Sul. (IBGE, 2012).

(sic) certo que, dentre as muitas contribuições para a vitória, feitas pelas Nações Americanas, a que se refere à borracha estará dentre as de maior destaque (EM GUARDA, Ano 2, n.7, p.26).

A borracha poderia oferecer aos seus extratores e ao país, lucros sem precedentes na história, superando mesmo o auge da extração da borracha no início do século, tudo isso porque o momento em que se encontravam exigia uma demanda muito superior deste produto, “sem a borracha, nenhum exército moderno pode se movimentar” (Em Guarda, Ano 2, n.7, p.26). Decorrente desta necessidade é prenunciado um advento da economia nortista, da melhoria do padrão de vida da população por causa desta cultura e novamente, do apoio tecnológico dos Estados Unidos para esse desenvolvimento.

Os territórios vazios<sup>4</sup> que destaca Mary Anne Junqueira, vistos por muitos estadunidenses como fronteiras a serem desbravadas e incorporadas à ‘civilização’ (JUNQUEIRA, 2000), pouco a pouco pareciam perder espaço para o ‘homem moderno’, uma vez que, para adquirir destaque perante o mundo, fazia-se preciso o domínio desta natureza hostil. Assim, as dificuldades da permanência nessas regiões, antes marcadas pela falta de comunicação com o restante do país, proliferação de doenças e falta de saneamento básico, sucumbiam aos inúmeros aparelhos criados pelos países mais modernos. Tais problemas estavam sendo solucionados:

Especialistas em saneamento têm devassado todas as regiões sujeitas à presença do mosquito, de maneira a estabelecerem o mais rigoroso saneamento contra a malária. Os serviços de higiene e saúde pública dos países interessados no projeto têm instalado modernas clínicas situadas em locais estratégicos para essa campanha fundamental. Enfermarias flutuantes, completamente equiparado com todos os recursos médicos e terapêuticos, estão organizadas num sistema de serviço rápido, por meio de lanchas, ao longo das águas do Rio Amazonas e seus afluentes. Quatro grandes hidroaviões americanos farão viagens regulares, conduzindo a correspondência postal e abastecimentos e trazendo, de torna-viagem, preciosos carregamentos da ‘hevea’ (EM GUARDA, Ano 2, n.7, p.28)

O crescimento de pequenas cidades, que se beneficiariam com este ‘novo’ alvorecer da borracha, parece vislumbrar os brasileiros: “Porto Velho, Boca do Acre e João Pessoa estão passando de simples denominações cartográficas para centros nervosos na construção dinâmica de um novo grande império do interior” (EM GUARDA, Ano 2, n.7, p.28) . Nota-se que as aspirações elevam tal região a um ‘grande império’, capaz de engrandecer pequenas

<sup>4</sup> A constante tentativa de alargamento das fronteiras ocorridas no período pós independência das Treze Colônias Inglesas, baseou-se na ideia de domínio de espaços tidos como selvagens, incivilizados como meios inevitáveis do crescimento dos Estados Unidos da América. Assim, neste momento, alguns mitos foram sendo sedimentados, como o Mito da Fronteira (o alargamento das fronteiras como processo ‘natural’ de desenvolvimento) e do Destino Manifesto (o crescimento e a expansão dos Estados Unidos como obra da providência divina). (JUNQUEIRA, 2000).



povoações, até então desconhecidas nos recônditos brasileiros e enriquecer seus moradores, extratores deste rico e indispensável material.

A região amazônica parecia apresentar muito mais do que uma fonte inata de borracha. Entre sua rica vegetação se escondia outras tantas potencialidades que ainda não haviam sido descobertas pelo homem moderno e desbravador. Para tal descoberta, seriam necessários que fossem devidamente instalados neste inóspito território, núcleos de bravos homens e mulheres determinados ao desbravamento e comprometidos com o ideal de sucesso do Brasil, que em consequência receberiam uma abrupta melhoria na qualidade de vida.

A instalação definitiva desses modernos colonos se fara também em bases que lhes assegurarão o máximo de produtividade. E em devido tempo, poderão eles contar com a realização de suas esperanças para uma vida melhor, mais farta e menos preocupada, como pioneiros que são no trabalho de desbravamentos de riquezas que representam mais do que a extração da borracha, porque vão abrir novos horizontes para as imensas possibilidades que se encontram inertes nos recônditos da vasta Amazônia (EM GUARDA, Ano 2, n.7, p.28).

### ***Resultados em longo prazo: a equiparação aos Estados Unidos***

Essa insistência em fomentar que a industrialização do Brasil acarretaria em uma melhoria do padrão de vida de seus habitantes, que residiam em cidades interioranas, parece salientar o atraso que o país ainda vivia na década de 1940, principalmente se fosse comparado a nações mais ricas e desenvolvidas tecnologicamente, como era o caso dos Estados Unidos. Ao longo da Revista, várias reportagens enfocam a organização e a prosperidade material das médias e grandes cidades estadunidenses, destacando seus líderes e sua população empenhada na construção de sua nação. As regiões interioranas que foram o palco do desenvolvimento tecnológico fruto de longos e difíceis anos de trabalho, serviram para elevar as condições de vida de sua população.

O caminho para as despovoadas e selvagens regiões do território, hoje definido como estadunidense, não havia sido fácil. Rodeada por perigos constantes, com animais de grande porte e hostis ao ser humano, estas porções de terras ofereciam riscos inimagináveis aos desbravadores já que, segundo a reportagem, eram imensos campos, montanhas e matas ausentes da ocupação humana. Ao citar o povoamento ocorrido no oeste do território, foi descrito:

Há menos de um século, a região dos Montes Rochosos, no oeste dos Estados Unidos, era quase completamente inculta e deshabitada. (sic) O castor, o veado, o urso e o antílope eram ali encontrado sem profusão. E nas planícies ao este (sic), havia os búfalos, em grandes manadas (EM GUARDA, Ano 3, n.6, p. 10).

Caracterizado como ‘inculto’, tais espaços davam a impressão de terem tido pouca ou nenhuma influência da rica cultura indígena, que povoava tais terras desde tempos imemoriais. Aliás, estes povos eram citados como meros elementos sem vontade, sem valor e sem modo de vida organizado. Tais preconceitos advinham da mentalidade europeia, que tratava povos diferentes como ‘incivilizados’ (KARNAL, 2007, p. 59). Referindo-se à cidade de *Duluth*, no estado de *Minnesota*, nenhum morador ou transeunte, anterior à fixação dos pioneiros, parece ter tido importância: “Em 1870 ali só havia índios, caçadores e alguns exploradores esporádicos, mas não existia sequer uma única povoação” (EM GUARDA, Ano3, n. 7, p. 22).

Houve um total menosprezo pelos indígenas residentes nestas planícies distantes, ao mesmo tempo em que elevaram aqueles que se engalfinharam em territórios desconhecidos, buscando riquezas pessoais. Desse modo, frisar as dificuldades enfrentadas por estes homens e mulheres, que em grandes números padeceram no enfrentamento com nativos ou mesmo infectados por doenças, serve como prova do valor de tal povoação. A conquista dos imensos espaços ‘selvagens’, naturais, não havia sido em vão. Junto com seu crescimento muitos heróis nacionais anônimos haviam surgido:

Aqueles que para lá foram tiveram que atrelar 46 juntas de bois a um simples carro, para poder vencer os caminhos íngremes nas montanhas do Oregon. Sua jornada de 3000 quilômetros estava assinalada pelas ossadas de bois, pelas viaturas quebradas, pelas peças de mobiliário deixadas ao abandono e pelas sepulturas dos pioneiros que tombaram, mortos de cansaço, de fome e sede (EM GUARDA, Ano 3, n.5, p. 8).

Mesmo em terrenos longínquos e perigosos, o pioneiro parecia não esmorecer, utilizando seu espírito desbravador na transformação do ambiente hostil em seu favor. Foram construídas pontes, estradas férreas e eficientes sistemas de irrigação na tentativa de tornar possível a vida na porção ocidental do país. O homem estadunidense galgava novos territórios, onde pudesse viver em harmonia de espírito e conforto material.

Como resposta, os espaços virgens considerados entraves para o estabelecimento das povoações humanas, se convertiam em oportunidades para estes mesmos personagens. A natureza era progressivamente modificada pelo homem civilizado. Nas imagens mostradas abaixo, a terra árida passa a ser explorada satisfatoriamente produzindo legumes e verduras para o abastecimento de diversos mercados internos. A introdução de sistemas de irrigação

e grandes pontes que surgiam nos mais inusitados terrenos eram a resposta para a eficácia desta lucrativa produção.

**Figura 2 – Lavoura nos Estados Unidos.**



Fonte: Em Guarda, Ano 3, n.5

**Legenda:** Na costa ocidental dos Estados Unidos a lavoura é feita geralmente nos vales, em regiões que, antes, eram áridas. Graças aos trabalhadores de irrigação, essas terras são agora extremamente férteis, produzindo grande quantidade de frutas e de legumes para o país inteiro.

**Figura 3 – Pontes estadunidenses**



Fonte: Em Guarda, Ano 3, n.5, p. 10.

**Legenda:** Operários trabalhando na construção de uma ponte no vale central da Califórnia. Numerosas pontes têm facilitado as vias de comunicações nessa vasta área produtiva.

Aos poucos, estas porções recentemente colonizadas traziam aos seus habitantes, possibilidades sem comparações na história. A elevação da economia local, fruto do eficiente planejamento governamental, baseava-se na exploração dos recursos naturais existentes em abundância para a sua utilização em prol da própria população. Mesmo sendo inicialmente desprezadas, as florestas, rios e montanhas da chamada Nova Inglaterra, foi tida como crucial para o alavancar regional e após ser explorada por programas adequados de desenvolvimento, pôde, no século XX, chegar a se tornar um dos maiores centros industriais do mundo (EM GUARDA, Ano 3, n. 9, p. 22).

Dotado de paisagens contrastantes, que englobavam as longínquas regiões do interior e os povoados cenários urbanos, os Estados Unidos estavam representados como uma terra onde tal requisito não era empecilho para a modernidade e progresso nacional. Cada região, contribuindo com suas potencialidades humanas e naturais, auxiliava no engrandecimento econômico de seu país. Com vias que ligavam os extremos do território e meios de transporte eficientes dotados de grande capacidade de cargas, poucos seriam os problemas enfrentados pelos habitantes de estados localizados distantes da costa atlântica.<sup>5</sup>

Os Estados Unidos experimentaram uma mudança bastante abrupta entre uma economia basicamente agrícola a um amplo e lucrativo setor industrial, herança direta do fim da Guerra de Secessão e crescimento do mercado interno. (PECEQUILO, 2003) Com as fronteiras territoriais ainda sendo definidas e as contribuições financeiras advindas da extração de minérios e diversificada agricultura, que as novas terras conquistadas trouxeram, o país pôde dispor de capital para fortalecer sua indústria (TOTA, 2009, p. 98).

Surgiram grandes metrópoles, abastecidas das mais modernas tecnologias, como energia elétrica e telefone<sup>6</sup>, bem como meios de transportes, serviços sanitários e de saúde pública bem diferentes dos que eram vistos no restante do continente americano, principalmente na América Latina. Todas estas provas das transformações de um país que surgiu a partir de poucos peregrinos e que, após inúmeros conflitos com a metrópole Inglaterra, trouxeram uma unidade nacional e um glorioso futuro material à sua população, oferecia aos seus vizinhos, e especialmente ao Brasil, expectativas positivas acerca de um futuro parecido.

Mostrar que, mesmo em meio a grandes dificuldades no povoamento e no enriquecimento sob um solo hostil e 'desabitado', a industrialização aconteceu de forma vitoriosa, fomentava nos leitores de 'Em Guarda', (assim como os tantos outros apreciadores de periódicos, jornais, filmes, propagandas estadunidenses ) a impressão bastante positiva

<sup>5</sup> Com a implantação da Ferrovia Transcontinental, as viagens da costa atlântica à pacífica reduziram-se a apenas seis dias (TOTA, 2009, p. 101).

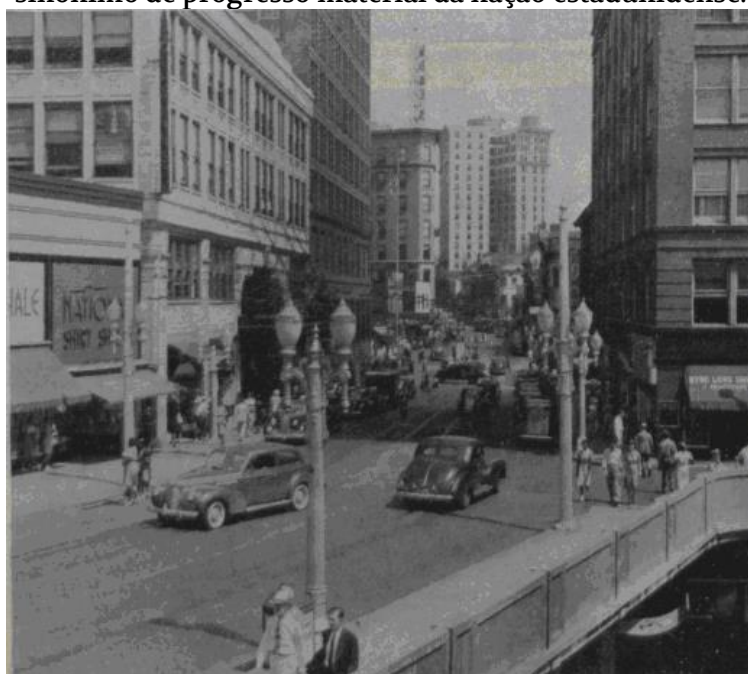
<sup>6</sup> Vários inventos revolucionaram o século XIX e colocaram os Estados Unidos na dianteira da modernidade experimentada na época. Entre eles podemos destacar o telefone e a lâmpada elétrica, dos estadunidenses Graham Bell e Thomas Edison, respectivamente. Também a Máquina rotativa que imprimia milhares de jornais em um curto período de uma hora, colhedoras mecânicas, cinema (TOTA, 2009, p. 103).

nos caminhos que estavam sendo tomados pelo governo brasileiro para a elevação das suas regiões interioranas, aproveitando seus potenciais minerais, agrícolas e humanos.

As necessidades causadas pela Guerra nas décadas de 1930 e 1940, não pareciam apenas auxiliar o Brasil em seu alavanque industrial, mas também aos Estados Unidos da América. Desta maneira, as cidades com baixa densidade demográfica viram surgir novos dias devido às condições oferecidas pelo conflito mundial. O crescimento delas foi significativo, justamente por beneficiarem-se do alargamento das indústrias têxtil, da construção naval e da extração da cal, do ferro e de outros produtos (EM GUARDA, ano 3, n.8, p.23).

Com o vertiginoso deslanchar industrial, as possibilidades de consumo da população também seguiam a mesma direção, dotando-a de um poder aquisitivo sem precedentes. Tais riquezas eram observadas, em especial, nos ambientes urbanos, de grandes e importantes cidades que traziam um charme arquitetônico contrastado com bens materiais de alto valor e utilidade, capazes de oferecer qualidade de vida aos seus consumidores. Na imagem abaixo visualizamos em meio a grandes prédios, automóveis, postes de energia elétrica e bem trajados habitantes da cidade de Atlanta, em um ensolarado dia da década de 1940, ícones do progresso e da confortável vida estadunidense.

**Figura 4 - O centro da cidade de Atlanta, na Georgia. Grande centro comercial e sinônimo de progresso material da nação estadunidense.**



Fonte: EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 8, p. 22.

Após esta breve verificação de artigos, que salientam a modernização do território estadunidense proveniente da eficaz aplicação dos recursos tecnológicos atrelados ao

espírito empreendedor de seu povo, analisaremos como eram divulgadas as grandes cidades do Brasil que, à luz do progresso, já poderiam se equiparar a grandes metrópoles mundiais. Tal modernização parecia constatar que ao interior brasileiro estava direcionado o mesmo destino, que não tardaria muito para se realizar.

As cidades brasileiras que recebem o maior destaque<sup>7</sup>, ganhando reportagens exclusivas sobre sua organização são as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em tais artigos, alguns elementos existentes nos municípios, como a arquitetura e planejamento urbano, são equiparados a de cidades importantes dos Estados Unidos. No entanto, a visão que se constrói destas capitais, são bastante generalizantes, já que, na intenção de causar boas impressões nos leitores e construir uma imagem positiva do futuro promissor do Brasil, as discrepâncias econômicas são excluídas das páginas de ‘Em Guarda’.

Ao citar a capital paulista, na tentativa de descrever o estilo de vida levado por sua população, que aproveita os benefícios causados pelas indústrias existentes na cidade e dos lucros provenientes da exportação do café, as imagens criadas são em demasia distorcidas. Somente as áreas centrais da cidade com suas ricas moradias são citadas, excluindo totalmente os grandes problemas sociais e urbanos causados pela grande quantidade de habitantes que estas possuíam. Abaixo, uma fotografia que pretende expor uma moradia típica dos paulistanos e a legenda que a acompanha:

**Figura 5 – Casa dos paulistas**



Fonte: Em Guarda, Ano 2, n. 6, p. 36).

**Legenda:** A residência dos prósperos e ativos paulistas reflete a sua apreciação pelo moderno estilo arquitetônico prático e belo, sendo um dos ornamentos da grande metrópole do sul.

<sup>7</sup> No acervo disponível da Revista Em Guarda nos anos de 1941 a 1945.



Vemos nessa fotografia que bem longe estaria esta imagem da realidade vivenciada pela maioria dos paulistanos da época. Os adjetivos remetidos aos paulistanos ‘prósperos’ e ‘ativos’ diz respeito a homens e mulheres que foram bem sucedidos naquilo que empreenderam e que conseqüentemente desfrutavam de conforto e modernidade. Infelizmente a postura ‘ativa’ geralmente não fazia todos os habitantes da metrópole desfrutarem da mesma condição de vida, mesmo vivendo na cidade mais industrializada do país.<sup>8</sup>

A cidade de São Paulo também seria um exemplo típico de cidade bem planejada. A sua organização estrutural, que separava das grandes indústrias as moradias dos paulistas, exemplificava o olhar de futuro do governo brasileiro, que atrelava qualidade de vida a transformação econômica. Modernas também seriam as soluções encontradas para conter o intenso tráfego de automóveis, que na região central espremiavam-se sob as ruas apertadas da antiga cidade. Com a construção de viadutos e vias de grande extensão, que ligavam os extremos urbanos facilitando e acelerando o trânsito de passageiros, a capital paulista era exemplo de modernidade e perspicácia dos seus moradores (EM GUARDA, Ano 2, n. 6, p. 36).

Em nada poderia se diferenciar esta grande cidade brasileira das conhecidas capitais estadunidenses, uma vez que a trajetória dos dois países, oriundos de colonizações diferenciadas, no contexto analisado, parecia não fazer diferença. O que parecia importar era a vontade que o governo brasileiro tinha em transformar seu país e inseri-lo nos trilhos de um mundo que estava por séculos em movimento. Aos poucos o Brasil realmente parecia participar ativamente do ‘progresso’ material e técnico do qual gozavam muitas outras nações. O arranha-céu poderia ser considerado com um dos símbolos destes novos tempos.

---

<sup>8</sup> Segundo estatísticas do IBGE, na primeira metade da década de 1940 a cidade de São Paulo possuía aproximadamente cerca de 2668 logradouros, destes, 1425 ainda não dispunham de pavimentação, 1094 estavam sem iluminação pública e 115 não utilizavam água potável encanada. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1946).

**Figura 6 – Arranha-céus em São Paulo**



Fonte: Em Guarda, Ano 2, n. 6, p. 37

**Legenda:** As ruas da moderna São Paulo são amplas e os edifícios, altos. É obra do idealismo prático e realizador.

**Figura 7 – Praça pública em São Paulo**



Fonte: Em Guarda, Ano 2, n. 6, p. 37

**Legenda:** O coração da cidade de São Paulo – um triunfo de planificação no qual a utilidade do moderno “arranha-céu” harmoniza com o conjunto das edificações de uma grande metrópole, famosa também pelo seu progresso industrial.



A capital mineira também foi comparada a uma das grandes cidades estadunidenses: a capital Washington. Mesmo tendo sido fundada sob “pitorescos planaltos”, ao longo de poucos anos (na data da reportagem contava 47 anos) esta próspera cidade havia tido um crescimento populacional expressivo, chegando a 250 mil habitantes. O resultado de tal sucesso estaria relacionado ao seu povo, que possuiria uma ‘imaginação fértil’ e ‘prática’, capaz de transformar Belo Horizonte à capital estadunidense.

Produto da imaginação fértil de um povo prático, a cidade – Belo Horizonte – simbolizou a largueza de visão dos semeadores de uma metrópole que, pelo seu cuidadoso traçado, viria a ser, na América do Sul, o que Washington é na América do Norte: uma cidade construída de acordo com um plano preestabelecido. [...] (EM GUARDA, Ano 4, n. 1, p. 19).

**Figura 8 – Belo Horizonte**



Fonte: Em Guarda, Ano 4, n. 1, p. 19.

**Legenda:** Vista da famosa Avenida Affonso Penna, em Belo Horizonte, a cidade mineira que, como Washington nos EE.UU., foi construída de acordo com um plano.

Percebemos que a fotografia traz um ângulo que privilegia grandes edificações de arquitetura imponentes, assim como vias pavimentadas e de grande porte, geralmente inseridas no centro da cidade. Seus grandes edifícios pareciam comprovar os rumos promissores que o Brasil poderia seguir, pois as grandes metrópoles estadunidenses possuíam também estas construções verticais. A capital brasileira do período também era

descrita como sinônimo de modernidade e planejamento urbano, podendo atingir rumos ainda mais certos com a aliança de guerra a favor dos Aliados.

**Figura 9 – Rio de Janeiro**



Fonte: Em Guarda, Ano 1, n. 10, p.13.

**Legenda:** Hotéis magníficos e edifícios grandiosos, de par com algumas das mais luxuosas casas de apartamentos, realçam os bem traçados artérias da Cidade Maravilhosa.

O diferencial da cidade do Rio de Janeiro é que além da modernidade em suas construções civis, a paisagem natural, imbricada nos morros e praias que serviam de cartão postal brasileiro, era citada como um ambiente de contrastes, uma vez que dividiam o mesmo espaço, natureza e tecnologia. Sinônimo de brasilidade no período, o gigante e diversificado país possuía uma bela capital que encantava os turistas do mundo inteiro, inspirava enamorados e servia como palco para diversas produções cinematográficas hollywoodianas.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Além dos filmes citados no capítulo anterior, outras produções encantaram milhares de espectadores nos cinemas estrangeiros, tendo como pano de fundo o Rio de Janeiro. Entre eles destacamos “Voando para o Rio”, de 1933 e “Uma noite no Rio”, de 1940. (FREIRE-MEDEIROS, 2005).

**Figura 10 – Cartão-postal carioca**



Fonte: Em Guarda, Ano 1, n. 10, p.11.

**Legenda:** Rio de Janeiro, única cidade do mundo onde a beleza natural se harmoniza com o progresso. Conhecida pelos turistas como uma das mais lindas metrópoles, o encanto da Guanabara aqui ressalta emoldurado pelo perfil majestoso das montanhas.

Dessa maneira, mesmo sendo um país de economia em desenvolvimento, dependente em muitos quesitos do apoio material do exterior, o Brasil foi sendo apresentado como um ambiente provavelmente em vias de desenvolvimento. Possuidor de regiões interioranas em gradual crescimento, oriundo, principalmente, pela instalação de indústrias de base, para exploração das riquezas do seu solo, o estado de Vargas surgiu na mídia estadunidense como um país de futuro próspero, pois seguia caminhos semelhantes ao de seu vizinho do norte.

Algumas capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, eram provas reais de que a mente inovadora brasileira atrelada ao capital dos Estados Unidos poderia ser uma fórmula de sucesso para o erguimento da economia nacional e consequentemente melhoria da qualidade de vida do seu povo. Assim, a longo prazo, tomadas as medidas corretas, transparecia pela revista 'Em Guarda' que o Brasil tinha potencial necessário para crescer, bastava apenas tirar proveito das possibilidades surgidas com as demandas da Guerra.

## *Resultados de curto prazo: o triunfo da FEB e o futuro das Forças Armadas*

Neste último tópico, destacaremos os resultados que estavam sendo vistos durante o decorrer da Segunda Guerra Mundial, iniciado em 1942 quando da aliança afirmada entre os Estados Unidos e o Brasil: a participação da Força Expedicionária Brasileira no *front* italiano. Acreditamos que, no corpo da revista, o sucesso da FEB no combate contra as forças do Eixo, passa a se tornar a mostra real de que as expectativas na transformação econômica brasileira eram mesmos possíveis. Crer que, em um futuro não muito distante, as regiões ainda inóspitas do norte e sudeste, principalmente, se transformariam em importantes centros industriais, só ganhava respaldo em face da vitória dos pracinhas na Europa.

As narrativas dos atos heroicos e espetaculares, realizados pelo corpo de um Exército ainda jovem, pareciam acirrar os ânimos dos leitores mais otimistas, elevando o país de Vargas a permanecer em uma posição sublime de crescimento interno e defesa da liberdade mundial. Aos parceiros de *Roosevelt* parecia caber os créditos das façanhas da FEB, que por intermédio do auxílio material estadunidense não teve todo o contingente padecido sob as baixas temperaturas do inverno de 1945 e das armas ‘inimigas’.

Concomitantemente, as políticas empregadas pelo líder do Estado Novo (que referiam à substituição de importações e implantação de indústrias de base) serviam positivamente para lançar novos tempos para as suas Forças Armadas, que herdeiras de longas décadas do capital e tecnologia estrangeira, poderiam galgar rumos bastante satisfatórios na defesa do extenso litoral brasileiro, refletindo na proteção do próprio continente sul americano.

Sem o apoio de importantes homens, que assumiam cargos de grande prestígio ao lado do presidente Vargas, nenhum resultado positivo aparentava ser possível ocorrer. Nas menções feitas a estas personalidades, eram citados como símbolos de moral e bons costumes, que honravam o país ao qual representavam. Mascarenhas de Moraes, Oswaldo Aranha, Salgado Filho e Eurico Gaspar Dutra, em especial, eram tratados como heróis nacionais, pois de maneira brilhante e perspicaz, enfrentavam todas as adversidades na intenção de reaver a honra brasileira perante outras nações mundiais.

**Figura 11 – Líderes brasileiros e estadunidenses**



Fonte: Em Guarda, Ano 1, n. 12, p.3.

**Legenda:** O chanceler Oswaldo Aranha, símbolo da conciliação diplomática, ladeado pelo almirante Aristides Guilhem e general Eurico Dutra, símbolos da força armada para a qual teve o Brasil de recorrer em defesa da sua honra.

Em uma reportagem sobre o General Mascarenhas de Moraes, a sua hombridade é exaltada não sendo questionado a sua capacidade intelectual para comandar a FEB, mas sim, salientam a sua capacidade em cumprir promessas, em pensar no bem-estar de seus soldados. Esta reportagem narra uma das idas do General ao *front* de guerra para ver as reais condições dos soldados brasileiros, que por sua simplicidade e entrega na causa bélica prefere dormir em um auto caminhão que ganhou de *Mark Clark* ao invés de dormir em seus aposentos na Itália (EM GUARDA, Ano 4, n.3, p. 15).

O Ministro da Aeronáutica também teve seu nome destacado nas páginas do periódico, principalmente após sua visita a *Roosevelt*. Salgado Filho visitou campos de treinamento de paraquedistas no estado do *Tennessee* e checkou os preparativos para a produção de motores estadunidenses na Fábrica Nacional de Motores do Brasil. Em resposta à sua ilustre visita e ao presente dado aos soldados estadunidense de 40.000 sacas de café, Filho ganhou do governo dos Estados Unidos uma medalha de honra da Ordem ao Mérito, “a mais alta condecoração norte-americana dedicada aos estrangeiros ilustres” (EM GUARDA, Ano3, n.1, p. 23).

A mesma condecoração recebeu o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, que segundo consta, lhe foi conferida “pelos relevantes serviços prestados a bem do esforço de

guerra das Nações Unidas” (EM GUARDA, Ano 3, n.1, p. 38). Sua presença no solo estadunidense simbolizava a prontidão do Exército brasileiro para a luta Aliada, que no momento citado, encontrava um país todo mobilizado para a participação no conflito. Dutra palestrou a respeito desta mobilização do Brasil, que contava com a proteção da costa nordestina, quadruplicação do Exército e da campanha antissubmarina para proteção contra o Eixo (EM GUARDA, Ano3, n.1, p. 38).

**Figura 12 – Dutra sendo homenageado**



Fonte: Em Guarda, Ano3, n.1, p. 38.

**Legenda:** Condecorado com a Ordem do Mérito, o Gen. Dutra recebe a medalha, das mãos do Gen. G. Marshall.

Ao mesmo tempo em que destacavam suas lideranças e o esforço de seu governo para o progresso de seus programas militares, eram enfatizados os empecilhos para a total

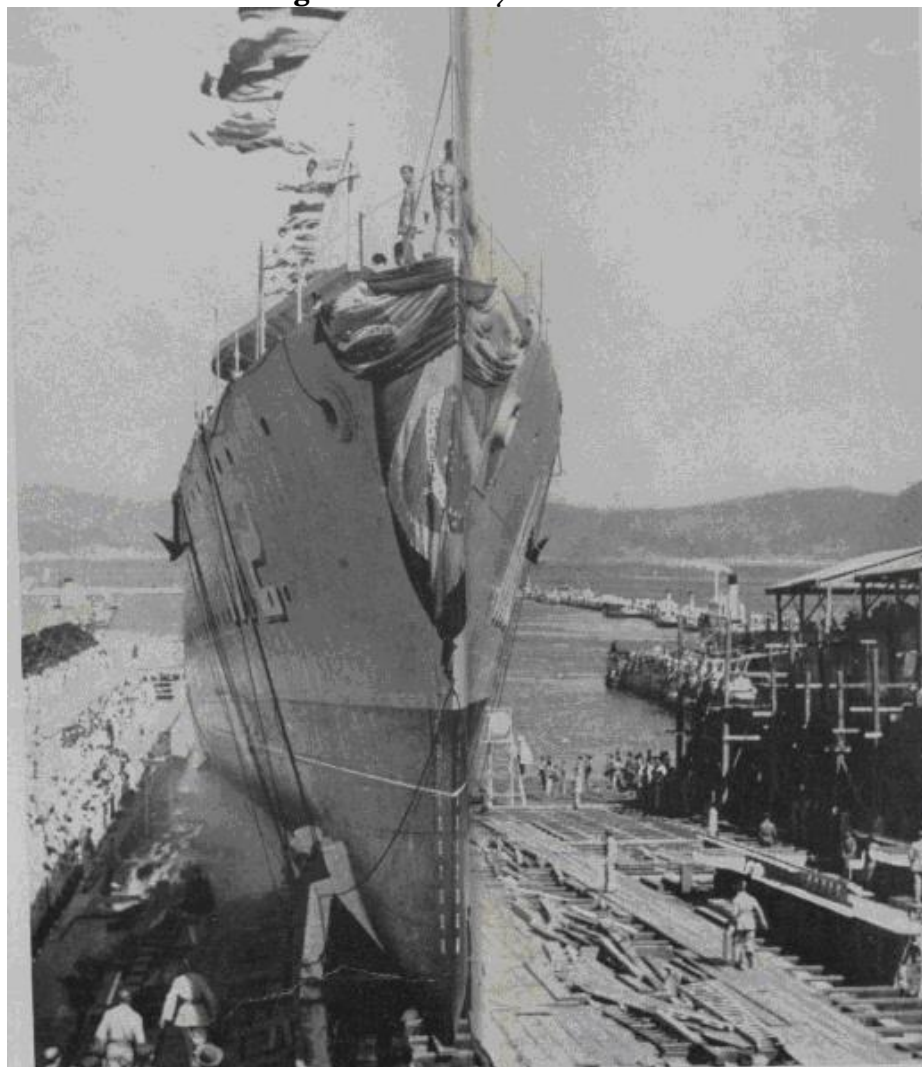
liderança na porção sul do continente das Forças Armadas brasileira. Tal país ainda convivia com um atraso muito expressivo em sua frota militar, assim como de suas armas e dependência do combustível de outras nações. Foi citado que no século que antecede tal contexto, a Marinha do país era um dos mais poderosos do mundo, pois possuía uma grande e eficiente frota de navios, entretanto, com a substituição de navios de madeira pelos de aço, o Brasil havia perdido tal posto. O agravamento da situação ocorria pois a construção de sua frota não era realizada em seus limites, mas em estaleiros estrangeiros, onde os preços eram bastante elevados.

No entanto, a partir de 1936 e principalmente com as possibilidades ocorridas pela deflagração de outro enfrentamento militar a nível mundial, o país iniciou seu próprio programa para a construção naval. Diante da necessidade em defender o litoral de 7000 km (que se estendiam do Oiapoque aos limites com o Uruguai) dos torpedeamentos ‘injustificados’ da artilharia alemã, era iniciado um forte programa de melhoramento da sua esquadra para equipará-la a de países mais desenvolvidos, de acordo com que exigia os destrutivos embates da Segunda Guerra Mundial. (EM GUARDA, Ano 2, n. 1, p. 23-24).

O estaleiro carioca estava alcançando uma produção significativa após o início do programa naval se comparado aos antigos itens que compunham a Marinha. Até meados dos anos 1930, o Brasil possuía dois couraçados que foram comprados no exterior: O ‘Minas Gerais’ e o ‘São Paulo’. Com a agilização desta produção na Ilha das Cobras, mais três *destroyers* se encontravam em ação na costa do país e outros seis estavam em construção. Juntamente com mais “cinco canhões de 5 polegadas de duplo propósito, quatro metralhadoras e doze tubos lança-torpedos de 21 toneladas” (EM GUARDA, Ano 2, n. 1, p.24). Equiparados com armas ‘modernas’ e com poder de destruição relevantes, o maior país da América do Sul projeta-se como uma potência continental.



**Figura 13** – *Destroyer brasileiro*



Fonte: *Em Guarda*, Ano 2, n. 1, p.23.

**Legenda:** O destroyer “Moniz e Barros”, ao ser lançado ao mar dos estaleiros do Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro. Desloca 1500 toneladas, como dois outros do mesmo tipo, o “Greenhalgh” e “Marcílio Dias”. Seis mais estão em construção nesse arsenal.

Além da construção de navios, era projeto do governo brasileiro equiparar as Forças Aéreas com aviões militares produzidos em seu próprio complexo industrial. Foi assinado um acordo que autorizava o Brasil a fabricar os motores *Whirling* da *Whight Aeronautical Corporation* e que concedia o direito de produção de modelos de aviões de treinamento da *Fairchild Aircraft Corporation*. Situado nas imediações cariocas, tal programa auxiliaria a inserção brasileira no *ranking* de segundo país do continente americano a possuir uma poderosa indústria militar, auxiliando em seu crescimento comercial e defesa continental (*EM GUARDA*, Ano 1, n. 12, p.40 e 41).



Para a direção desta indústria, foi escolhido o brigadeiro Antonio Guedes Muniz, da FAB, que havia ganhado destaque pela criação do avião de treinamento “Muniz”. Para assumir o empreendimento houveram treinamentos ministrados por especialistas estadunidenses que juntamente com o estilo “*gentleman*” e notável conhecimento em aeronáutica do brigadeiro, faziam com que as expectativas sobre o futuro promissor do estabelecimento fabril fosse o melhor possível. O Brasil seria incluído “no grupo de nações que dispõem de verdadeira indústria aeronáutica” (EM GUARDA, Ano 1, n. 12, p.40).

Mesmo iniciando tais projetos para tornar o Brasil autossuficiente na questão militar, o apoio para tal empreendimento parece não ser possível se não houvesse o apoio do governo estadunidense. Em uma reportagem que enfoca a Força Aérea Brasileira, a ênfase recaía no treinamento de ‘ótima’ qualidade que os aviadores estavam recebendo nos Estados Unidos juntamente com os aviões do mesmo país que estavam sendo mandados para seu ‘bom’ vizinho. Em uma fotografia que ilustra esta reportagem podemos perceber a relação de inferioridade que a Aeronáutica brasileira é relegada, já que seus integrantes vão à *Maryland* para serem instruídos. Durante este treinamento eles se encantam com a gigantesca indústria de aeronaves que em tempos vindouros seriam encontradas no Brasil. Abaixo a fotografia e a legenda desta reportagem:

**Figura 14 – Pilotos brasileiros em Maryland**



Fonte: Em Guarda, Ano 2, n. 6, p. 35.

**Legenda:** Numa fábrica de aeroplanos em Maryland, o major Renato Augusto Rodrigues, das Forças Aéreas Brasileiras, chama a atenção dos seus colegas aviadores para as excelentes características dos aviões.

Os rostos de felicidade e admiração dos aviadores da fotografia criam uma sensação de total respeito aos aeroplanos e ao auxílio que o governo estadunidense provinha aos seus aliados. O espírito grandioso destes aviadores era postado na Revista como herança direta do “gênio criador de Santos Dumont” (EM GUARDA, Ano 1, n. 12, p. 42)., pois transcorriam vastidões do território brasileiro com poucos recursos como rádios ultrapassados e informações meteorológicas imprecisas. A unicidade americana mais uma vez está enfatizada, já que trazia equipamentos modernos ao Brasil, sublinhando uma posição de submissão dos brasileiros.

Sobre a participação brasileira na Guerra a revista aborda desde a adesão à causa aliada, em 1942, até a campanha brasileira na Itália e o seu desfecho vitorioso. O interessante a notar é que, além da exaltação que recai aos oficiais comandantes da FEB (Força Expedicionária Brasileira) e a Getúlio Vargas, o soldado anônimo e o seu espírito batalhador e inteligência incomparável dividem o mesmo espaço nas reportagens.

Segundo *Frank Norall*, correspondente do OCIAA na Itália, a FEB seria uma força da qual os inimigos teriam que respeitar, face a seus indescritíveis atributos. Um deles diz respeito à facilidade com que os soldados brasileiros aprendiam as instruções dadas pelos estadunidenses, dotando de orgulho seus experientes treinadores veteranos. Em uma das histórias narradas pelo correspondente da agência de *Rockefeller*, cinco soldados do Brasil, em um treinamento com morteiros de 60 mm, deixaram boquiaberto o seu instrutor, o primeiro-tenente *Charles Lynch*.

Durante uma orientação ocorrida no treinamento para ser acertado uma árvore a longa distância, os praças brasileiros, que apenas tinham usado tal arma no dia anterior, em três tiros não erraram nenhum, causando o deslumbrado comentário do primeiro-tenente estadunidense: “Estes homens assimilam a instrução rapidamente. Ainda não tive a necessidade de repetir coisa alguma” (EM GUARDA, Ano 3, n. 12, p. 16). Porém, de nada adiantava a inteligência nata destes soldados sem a devida preparação recebida ainda no Brasil:

Mas a excepcional aptidão do soldado brasileiro para absorver rapidamente essas derradeiras instruções revela tanto as suas qualidades pessoais de inteligência como a proficiência do corpo de oficiais que os prepararam basicamente nos centros de instrução no Brasil. (EM GUARDA, Ano 3, n. 12, p. 18).

A FEB seria, segundo percebemos no decorrer dos artigos escritos, um conjunto perfeito de aparelhamento militar moderno com um oficialato eficiente e bem preparado, ciente das dificuldades que seriam enfrentadas no campo de batalha e cientes da importância que uma provável vitória traria às Nações Unidas. As lutas travadas contra os alemães não poderiam

ser consideradas possíveis de sucesso sem a mútua colaboração entre soldados e seus comandantes.

O exército que o Brasil envia para as frentes de combate na Europa é, portanto, um conjunto perfeito de aparelhamento militar moderno. E na tropa se refletem todas as qualidades de coragem, de iniciativa e de disciplina que bem caracterizam a elite que compõe a sua oficialidade (EM GUARDA, Ano 3, n. 11, p. 4).

Não podemos deixar de citar que em todos os artigos que citam o desempenho da Força Expedicionária Brasileira, tanto em seu treinamento ainda no Brasil, ou mesmo depois de seu desembarque em na Itália o apoio técnico dos Estados Unidos faz-se presente, dotando o bom desempenho dos brasileiros nas ofensivas, como resultante do apoio logístico que recebera do Quinto Exército.

Hoje, o Exército brasileiro tem um efetivo quatro vezes (sic) mais numeroso do que quando foi declarada a guerra. Dispõe de novos hospitais, de novos quartéis e de escolas de preparação técnica. Novas fábricas de cartuchos e de armas pequenas estão em pleno funcionamento. Dos Estados Unidos lhe são enviados grandes peças de artilharia, tanques e equipamento motorizado. O Exército está pronto para qualquer eventualidade nesta hora decisiva para o mundo (EM GUARDA, Ano 3, n. 2, p. 25).

Algumas situações inusitadas e até mesmo vergonhosas enfrentadas pelas tropas brasileiras na Europa são citadas em uma reportagem especificamente dedicada ao desempenho da FEB na Itália. As armas utilizadas pelo Exército brasileiro eram provenientes, em grande medida de países europeus, até mesmo da Alemanha, principalmente efetivada pelo Comércio de Compensação, que trocava matérias-primas por produtos acabados. Quando reuniu seus efetivos para combater ao lado dos Aliados, o governo dos Estados Unidos substituiu as antigas armas por equipamentos mais modernos, a fim de transformar as Forças Armadas do Brasil em uma força totalmente americana (EM GUARDA, Ano 4, n. 6, p. 35).

Sair de um país, com clima tropical e cultura bastante destoante das privações impostas por uma frente de batalha, não foi tarefa fácil para os pracinhas. Estes brasileiros tiveram problemas com a alimentação, segundo o correspondente estadunidense, o general de brigada *John N. Greely*, pois mesmo sendo nutridos por enlatados de 'excelente' qualidade, rejeitaram a comida oferecida a eles por estarem acostumados com o típico arroz, feijão e café. A solução para o caso teve que partir do próprio governo brasileiro, que providenciou a inserção de tais produtos no cardápio dos soldados (EM GUARDA, Ano 4, n. 6, p. 35).

Os uniformes apresentaram outro problema, já que eram muito finos para os baixíssimos graus verificados naquele inverno italiano. Coube novamente ao Exército dos Estados Unidos fornecerem roupas de lã para serem usadas por baixo do fino uniforme e sapatos resistentes, que por serem frequentemente usados em regiões árticas não sucumbiriam à umidade e ao frio dos *Foxholes*. A cor do uniforme também foi outro problema, uma vez que o verde-cinza do uniforme alemão era confundido com o verde-oliva do Brasil. Do Exército estadunidense partiu a iniciativa do fornecimento de jaquetas de campanhas para serem colocadas por cima do uniforme e assim evitar possíveis confusões (EM GUARDA, Ano 4, n. 6, p. 35).

O bem estar dos soldados brasileiros, o bom treinamento recebido pelos Estados Unidos atribuído com a coragem e humor ‘típicos’ do Brasil são os determinantes, segundo a revista, para o sucesso da campanha febiana na Itália. Parece que o tratamento dado aos soldados brasileiros é o melhor que poderia receber essas tropas. As reportagens que tratam desse tema geralmente mostram imagens onde os soldados estão felizes, descansando, passeando pela Itália ou Estados Unidos e em poses sorridentes e saudáveis. A imagem abaixo, integrante do último ano de edição da revista (1945) retrata um momento em que os soldados estão descansando em seus alojamentos:

**Figura 15 – Soldados brasileiros descansando**



Fonte: Em Guarda, Ano 4, n. 5, p. 37.

**Legenda:** Descansado um pouco no alojamento. Veem-se o cabo Raymundo da Silva, de Minas-Gerais, e os soldados Lucindo Martins e João Traskos, do Paraná.

Contrapondo com as memórias de guerras de ex-veteranos de guerra da FEB, essa tranquilidade retratada na fotografia eram exceções. O sofrimento das tropas brasileiras pela inexperiência com o armamento, ofensivas mal planejadas, frio intenso na Itália, saudades do Brasil, forte censura nos telegramas e imprensa, desconhecimento das causas reais do conflito e da causa da luta brasileira, sem sombra de dúvidas criariam nos soldados reações demasiadamente diferentes das retratadas nesta fotografia. O próprio alojamento aparenta ser bastante confortável, com ótimas instalações, diferente de muitas das residências da maioria dos soldados que tinham origem humilde e diferentes das condições vividas por muitos deles nas frentes de batalha.<sup>10</sup>

A maior prova que o Brasil poderia atingir um nível econômico e militar similar ao de seu ‘vizinho’ os Estados Unidos era percebida na ‘bem sucedida’ campanha militar na Segunda Guerra Mundial. O primeiro país latino a recrutar combatentes para integrar o babilônico Quinto Exército, era um sinal que o país de Vargas estava na vanguarda das demais nações latino-americanas. O discurso de supremacia na porção sul americana não vinha somente de membros do governo brasileiro, mas eram endossadas por próprias personalidades estadunidenses. Nas palavras do general Mark Clark ao Exército do Brasil, ele frisou o caminho grandioso que a nação galgava com sua bem sucedida campanha na Itália.

[...] podeis contar com gloriosos dias futuros. Ides verificar que, ao enfrentardes os alemães, deles nada tendes a temer. Eles vos respeitarão. Ides derrotá-los em todos os encontros, em virtude de uma superioridade que eles nunca terão, marcando assim mais um brilhante capítulo da história do vosso grande e futuroso Brasil (EM GUARDA, Ano 3, n. 12, p. 18).

A imagem escolhida para concluir esta discussão, traz algumas destas aspirações ou mesmo projeções de um Brasil que estaria sendo construído durante a guerra. Vemos vários soldados da FEB sendo recebidos como heróis perante o povo italiano anteriormente oprimido pelos alemães. São brasileiros, são libertadores, são vitoriosos, mas vestem uniformes estadunidenses, portam armas e equipamentos fabricados na parte rica da “fraternidade de armas” (*brotherhood of arms*). Fazem parte de um exército plurinacional, organizado e comandado pelo irmão mais poderoso do norte. Os suprimentos que generosamente distribuem aos famintos locais também possuem origens nas fábricas e nos campos de todas as Américas, mas foram processados e distribuídos pelos Estados Unidos.

<sup>10</sup> Inúmeros ex-combatentes brasileiros narraram em livros ou diários suas experiências vividas na Itália. Alguns destes relatos ilustram a má organização das tropas, a inexperiência de seus líderes e as inúmeras dificuldades enfrentadas na Guerra. Algumas obras são bastante polêmicas, contrariando discursos oficiais que exaltam em demasia a oficialidade da FEB. (UDIHARA, 2004; SOARES, 1984; LOCASTRE; FERRAZ, 2008, p. 81-98).

A foto marcaria o poderio presente da potência estadunidense e o futuro promissor da nação brasileira. O exemplo, o progresso, o espelho da prosperidade, estavam do lado dos Estados Unidos. Ao Brasil, cabia emular esses princípios para conquistar, no futuro, seu lugar entre as potências vitoriosas. Um sentimento de autoestima positiva parece transparecer nestes homens fardados, representando assim todas as expectativas que se faziam desta ‘futurosa’ nação que se mostrava na Segunda Guerra Mundial ao mundo inteiro.

**Figura 16 - Italianos saudando seus libertadores**



Fonte: Em Guarda, Ano 4, n. 1, p. 9.

### *Palavras finais*

Durante o maior conflito bélico do século XX, a Segunda Guerra Mundial, além de milhares de vidas ceifadas, das cidades e economias arrasadas, de paradigmas destituídos ou em vias de ser, das incertezas sobre o destino de uma humanidade atordoada pelo barulho ensurdecedor de explosões, trouxe também sonhos, fomentou expectativas de dias melhores para economias em crescimento, vislumbrou olhares sobre o povoamento de regiões até então não tocadas pela ‘civilização’. No caso do Brasil, mostrou-se significativamente proveitosa, para um futuro tão desejado por dezenas de brasileiros, entre eles, Getúlio Vargas.



O longo período de dependência parecia sucumbir às ‘reais’ mostras de uma economia autossuficiente que nascia com as privações do conflito. Os Estados Unidos, com a Política da Boa Vizinhança, buscavam omitir longos anos de preconceitos com a região latino-americana ao estimular relações mais amistosas (e proveitosas) com tais países, com objetivos nítidos econômicos. Do Brasil levava-se matérias-primas estratégicas, bem como eram instaladas bases navais para a proteção do território contra forças nazifascistas. Ao mesmo tempo deixavam grandes somas de dinheiro (em forma de empréstimos, principalmente), profissionais de diferentes áreas do conhecimento, que buscavam estudar e promover o ‘desenvolvimento’ da região.

Na Revista *Em Guarda*, em um estudo voltado à análise das expectativas de futuro do Brasil, percebemos que o crescimento deste país era mostrado como algo natural, bem como a sociedade estadunidense havia tido, séculos antes. A melhoria de vida dos brasileiros parecia depender, exclusivamente, de uma necessária incorporação ao cenário industrial e do desbravamento do interior, ainda longínquo e desconhecido, que parecia guardar em seus confins as riquezas mais inimagináveis de seu solo ou flora.

Como garantia de que tais expectativas seriam realidade, o caminho que algumas cidades brasileiras galgavam equiparava-se, segundo *Em Guarda*, a algumas cidades estadunidenses. Mas a maior prova de sucesso, já nos anos finais do conflito, pareciam ser as conquistas da campanha da FEB na Itália. Ao lado dos Estados Unidos, de seu arsenal sofisticado e bem treinados soldados, lutavam bravamente os pracinhas brasileiros, que mostravam-se capazes de grandes embates, se o bem maior fosse a luta contra o nazifascismo e o bem da sociedade brasileira.

Tais construções não condizem, em totalidade, com a realidade do Brasil naquele período. Essas ilusões expostas em ‘*Em Guarda*’ representam muito mais uma nuance da Política da Boa Vizinhança que buscava além da adesão à Guerra, uma aliança mais vigorosa entre ambos os países, do que a publicação dos ganhos reais do Brasil com o conflito. Buscava-se mais lançar expectativas, semear a euforia, do que propiciar um terreno fértil para tornar tais aspirações uma realidade.

## ***Bibliografia***

ALVES, V. C. *O Brasil e a segunda guerra mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Editora da Puc, 2002.

FREIRE-MEDEIROS, B. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

IBGE. *IBGE lança estatísticas do século XX*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxxhtml.shtm>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

IBGE. Serviço de Estatística da Educação e Saúde. *Anuário estatístico do Brasil 1941/1945*. Rio de Janeiro: IBGE, 1946. v. 6.

JUNQUEIRA, M. A. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KARNAL, L. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XX*. São Paulo: Contexto, 2007.

LOCASTRE, A. V.; FERRAZ, F. C. A. O ceticismo da memória: considerações sobre narrativas de dois veteranos da força expedicionária brasileira. *Militares e Política*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 81-98, jan./jun. 2008.

McCANN, F. *Aliança Brasil-Estados Unidos: 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MONIZ BANDEIRA, L. A. *Brasil- Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950 – 1988)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MOURA, G. *Sucessos e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a 2ª G. M.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

MOURA, G. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PECEQUILO, C. S. *A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SADLIER, D. J. *Good neighbor cultural diplomacy in world war II*. Austin: University of Texas Press, 2012.

SOARES, L. *Verdades e vergonhas da força expedicionária brasileira*. Curitiba: Edição do autor, 1984.

TOTA, A. P. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

----- A. P. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

UDIHARA, M. *Um médico brasileiro no front: o diário de Massaki Udihara na II Guerra Mundial*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

## Fonte

**Em Guarda:** para a defesa das americas, New York, 1941-1942, Ano 1, n. 10, n. 12

**Em Guarda:** para a defesa das americas, New York, 1943, Ano 2, n. 1, n. 6, n.7



**Em Guarda:** para a defesa das americas, New York, 1944, Ano 3, n. 1, n. 2, n.5, n.6, n.7, n.8, n. 9, n. 11, n. 12

**Em Guarda:** para a defesa das americas, New York, 1945, Ano 4, n. 1, n.3, n. 5, n. 6